

JON KRAKAUER

NA NATUREZA SELVAGEM

Tradução:
PEDRO MAIA SOARES

2ª edição



Sumário

| | |
|--------------------------|--|
| Nota do autor | |
| 1. O interior do Alasca | |
| 2. Stampede Trail | |
| 3. Cartago | |
| 4. Detrital Wash | |
| 5. Bullhead City | |
| 6. Anza-borrego | |
| 7. Cartago | |
| 8. Alasca | |
| 9. Garganta de Davis | |
| 10. Fairbanks | |
| 11. Chesapeake Beach | |
| 12. Annandale | |
| 13. Virginia Beach | |
| 14. A geleira Stikine | |
| 15. A geleira Stikine | |
| 16. O interior do Alasca | |
| 17. A Stampede Trail | |
| 18. A Stampede Trail | |
| Epílogo | |
| Posfácio | |
| Agradecimentos | |



NOTA DO AUTOR

Em abril de 1992, um jovem de uma família abastada da costa leste dos Estados Unidos foi de carona até o Alasca e adentrou sozinho a região selvagem e desabitada ao norte do monte McKinley. Quatro meses depois, seu corpo decomposto foi encontrado por um grupo de caçadores de alce.

Pouco após a descoberta do cadáver, o editor da revista *Outside* pediu-me uma reportagem sobre as circunstâncias enigmáticas da morte do rapaz. Revelou-se que seu nome era Christopher Johnson McCandless. Fiquei sabendo que crescera em um subúrbio rico de Washington, D. C., onde fora excelente aluno e atleta de elite.

No verão de 1990, logo após formar-se, com distinção, na Universidade Emory, McCandless sumiu de vista. Mudou de nome, doou os 24 mil dólares que tinha de poupança a uma instituição de caridade, abandonou seu carro e a maioria de seus pertences, queimou todo o dinheiro que tinha na carteira. Inventou então uma vida nova para si, instalando-se na margem maltrapilha de nossa sociedade, perambulando pela América do Norte em busca de experiências cruas, transcendentais. Sua família não tinha ideia de onde estava ou que fim tivera até que seus restos apareceram no Alasca.

Trabalhando com prazo curto, escrevi um artigo de 9 mil palavras, publicado no número de janeiro de 1993 da revista, mas meu fascínio por McCandless não desapareceu com a substituição daquela edição de *Outside* nas bancas por temas jornalísticos mais atuais. Perseguiam-me a lembrança dos detalhes da morte por inanição do rapaz e certas semelhanças vagas entre acontecimentos de minha vida e a de Christopher. Disposto a não me afastar de McCandless, passei mais de um ano refazendo a trilha espiralada que conduziu a sua morte na taiga do Alasca, caçando os detalhes de sua peregrinação com um interesse que beirava a obsessão. Ao tentar compreender McCandless, cheguei inevitavelmente a refletir sobre outros temas mais amplos: a atração que as regiões selvagens exercem sobre a imaginação americana, o fascínio que homens jovens com um certo tipo de mentalidade sentem por atividades de alto risco, os laços altamente tensos que existem entre pais e filhos. O resultado dessa investigação cheia de meandros é este livro.

Não tenho pretensão de ser um biógrafo imparcial. A estranha história

de McCandless tocou-me pessoalmente de tal forma que tornou impossível um relato desapaixonado da tragédia. Na maior parte do livro tentei — creio que, em larga medida, com sucesso — minimizar minha presença de autor. Mas que o leitor esteja atento: intercalei a história de McCandless com fragmentos de uma narrativa baseada em minha própria juventude. Faço isso na esperança de que minhas experiências iluminem, mesmo de forma indireta, o enigma de Chris McCandless.

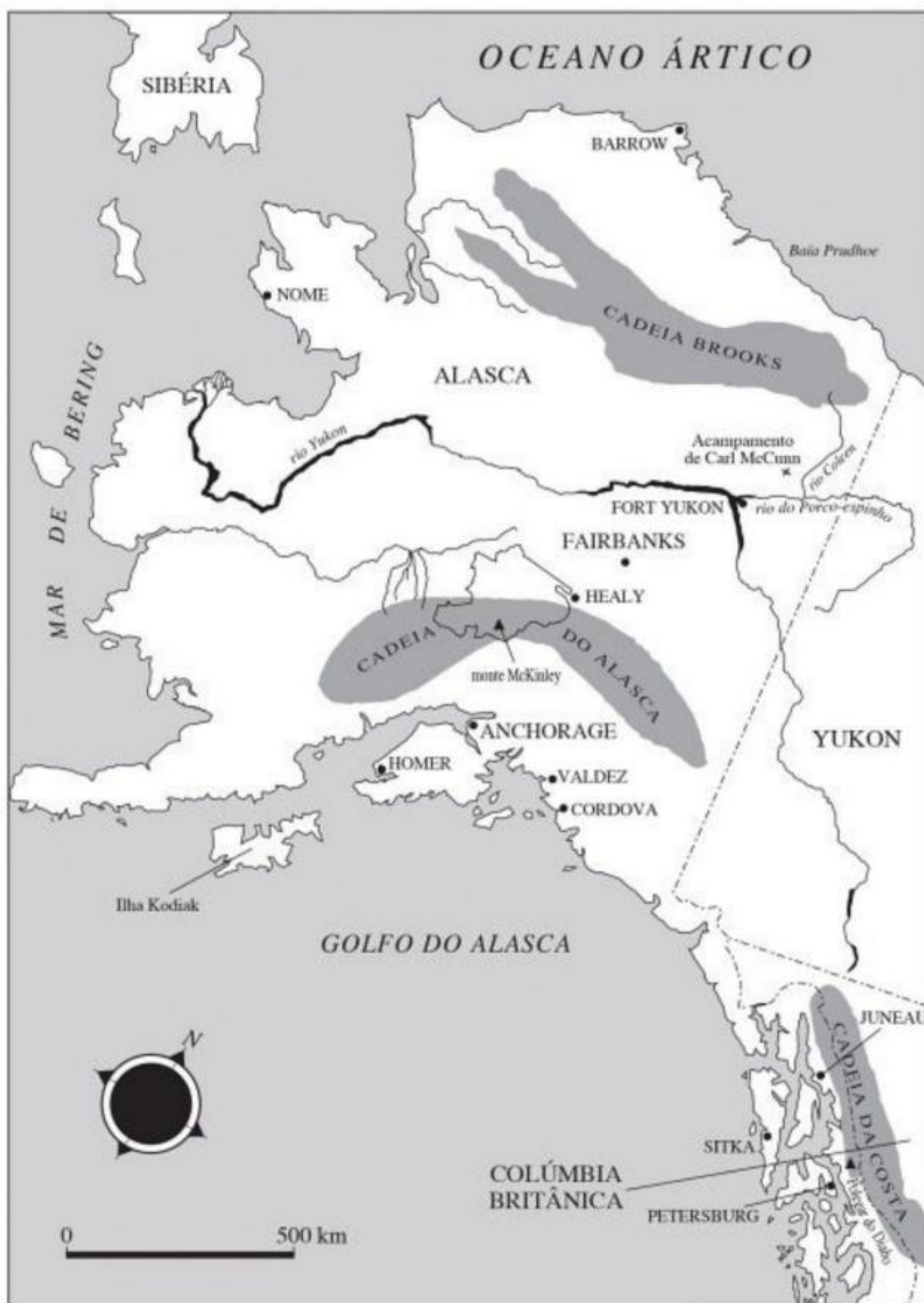
Ele era um jovem veemente demais e possuía traços de idealismo obstinado que não combinavam facilmente com a existência moderna. Cativado havia muito tempo pela leitura de Tolstói, admirava em particular como o grande romancista tinha abandonado uma vida de riqueza e privilégios para vagar entre os miseráveis. Na faculdade, McCandless começou a imitar o ascetismo e o rigor moral de Tolstói a tal ponto que primeiro espantou, depois alarmou, as pessoas que lhe eram próximas. Quando o rapaz se internou no mato do Alasca, não cultivava ilusões de que estivesse entrando numa terra de leite e mel; perigo, adversidade e despojamento tolstoiano era exatamente o que estava buscando. E foi o que encontrou, em abundância.

Contudo, durante a maior parte das seis semanas de provação, McCandless saiu-se mais do que bem. Com efeito, se não fosse por um ou dois erros aparentemente insignificantes, ele teria saído da floresta em agosto de 1992 de maneira tão anônima quanto entrou nela em abril. Em vez disso, seus erros inocentes acabaram sendo básicos e irreversíveis, seu nome foi parar nas manchetes dos jornais sensacionalistas e, para sua perplexa família, restaram os cacos de um amor ardente e doloroso.

Uma quantidade surpreendente de pessoas sentiu-se afetada pela história da vida e morte de Chris McCandless. Nas semanas e meses posteriores à publicação do artigo na *Outside*, ela gerou mais cartas do que qualquer outra matéria já publicada pela revista. Essa correspondência, como era de esperar, refletia pontos de vista muito divergentes. Alguns leitores admiravam imensamente o rapaz por sua coragem e seus nobres ideais; outros fulminavam que ele era um rematado idiota, um pirado, um narcisista que morreu de arrogância e estupidez — e que não merecia a atenção que a imprensa lhe dera. Minhas convicções ficarão claras logo em seguida, mas deixarei que o leitor forme sua opinião sobre Chris McCandless.

Jon Krakauer
Seattle
Abril de 1995

NA NATUREZA SELVAGEM



I

O INTERIOR DO ALASCA

27 de abril de 1992

Saudações de Fairbanks! Esta é a última vez que você terá notícias minhas, Wayne. Cheguei aqui há dois dias. Foi muito difícil pegar carona no território de Yukon. Mas finalmente cheguei. Por favor, devolva toda a minha correspondência para os remetentes. Posso demorar muito até voltar para o Sul. Se esta aventura se revelar fatal e você nunca mais tiver notícias de mim, quero que saiba que você é um grande homem. Caminho agora para dentro da natureza selvagem. Alex.

CARTÃO-POSTAL RECEBIDO POR WAYNE WESTERBERG
EM CARTAGO, DAKOTA DO SUL

Jim Gallien estava a dois quilômetros e meio de Fairbanks quando viu o caroneiro de pé na neve, ao lado da estrada, polegar bem alto, tremendo de frio no amanhecer do Alasca. Não parecia ser muito velho: dezoito, talvez dezenove anos, no máximo. A ponta de um rifle projetava-se de sua mochila, mas tinha aparência bastante amistosa: um caroneiro com uma Remington semiautomática não é o tipo de coisa que provoque hesitação nos motoristas daquele estado. Gallien parou sua picape no acostamento e mandou o rapaz subir.

O caroneiro jogou sua mochila no chão do Ford e apresentou-se como Alex. “Alex?”, retrucou Gallien, esperando o sobrenome.

“Só Alex”, replicou o rapaz, rejeitando claramente a isca. Magro mas rijo, com cerca de um metro e setenta de altura, disse ter 24 anos e ser de Dakota do Sul. Explicou que queria uma carona até o limite do Parque Nacional Denali, onde pretendia caminhar mato adentro e “viver da terra por alguns meses”.

Gallien, eletricista sindicalizado, estava a caminho de Anchorage, 380 quilômetros adiante do Denali pela rodovia George Parks, e disse a Alex que o deixaria onde quisesse. A mochila dele não parecia pesar mais do que

doze ou treze quilos, o que surpreendeu Gallien — caçador experiente, acostumado às florestas —, pois era um volume muito pequeno para quem pretendia ficar vários meses no mato, especialmente tão no início da primavera. “Ele não estava levando nada da comida e do equipamento que se espera que alguém carregue naquele tipo de viagem”, relembra Gallien.

O sol surgiu. Enquanto desciam das cristas reflorestadas acima do rio Tanana, Alex olhava para o terreno pantanoso, coberto de juncos e musgos e varrido pelo vento que se estendia para o sul. Gallien se perguntava se não teria dado carona para um daqueles birutas dos outros 48 estados do Sul que vinham para o Norte realizar as arriscadas fantasias de Jack London. Há muito tempo que o Alasca atrai sonhadores e desajustados, gente que acha que a vastidão imaculada da Última Fronteira irá preencher todos os vazios de sua vida. Porém, o mato é um lugar que não perdoa, que não dá a mínima para a esperança ou o desejo.

“As pessoas de fora”, relata Gallien com sua fala arrastada e sonora, “pegam um exemplar da revista *Alaska*, folheiam e ficam pensando: ‘Ei, vou para lá, viver da terra, levar uma boa vida’. Mas quando chegam aqui e entram de verdade no mato, bem, aí não é como a revista tinha contado. Os rios são grandes e rápidos. Os mosquitos comem você vivo. Na maioria dos lugares, não há muitos animais para caçar. Viver no mato não é um piquenique.”

De Fairbanks até a beira do Parque Denali era uma viagem de duas horas. Quanto mais conversavam, menos Alex parecia maluco. Era agradável e bem-educado. Bombardeou o motorista com perguntas sensatas sobre quais pequenos animais de caça vivem na região, que tipo de frutas silvestres poderia comer — “esse tipo de coisa”.

Ainda assim, Gallien estava preocupado. Alex admitiu que o único alimento em sua mochila era um saco de quatro quilos e meio de arroz. Seu equipamento parecia excessivamente insuficiente para as condições duras do interior, que, em abril, ainda está soterrado pela neve do inverno. As botas baratas de Alex não eram impermeáveis nem bem isoladas. Seu rifle era apenas de calibre 22, muito pequeno para quem pensasse em matar animais grandes como alces e caribus, os quais teria de comer se quisesse permanecer muito tempo na região. Não tinha machadinha, protetor contra insetos, raquetes de neve, bússola. O único auxílio de orientação que trazia era um mapa rodoviário estadual todo rasgado que surrupiara de um posto de gasolina.

A 150 quilômetros de Fairbanks, a rodovia começa a subir os contrafortes da cadeia do Alasca. Enquanto o carro atravessava uma ponte sobre o rio Nenana, Alex olhou para a correnteza forte e disse que tinha medo da água: “Há um ano, no México, eu estava numa canoa no mar e quase me afoguei durante uma tempestade”.

Um pouco mais tarde, ele pegou seu mapa e apontou para uma linha vermelha que cruzava a estrada perto de Healy, uma cidade de mineração de carvão. Ela representava uma rota chamada Stampede Trail [trilha do Estouro da Boiada]. Raramente percorrida, nem aparece na maioria dos mapas rodoviários do Alasca. Mas no mapa de Alex, a linha pontilhada serpenteava para oeste da rodovia Parks por cerca de sessenta quilômetros até sumir no meio da região selvagem e sem trilhas situada ao norte do monte McKinley. Era para lá que pretendia ir, anunciou Alex.

Gallien achou que o plano do caroneiro era temerário e tentou com insistência dissuadi-lo: “Falei que não era fácil caçar no lugar aonde ele estava indo, que poderia passar dias sem matar animal algum. Quando isso não funcionou, tentei assustá-lo com histórias de ursos. Disse-lhe que uma 22 não faria provavelmente nada a um urso pardo, exceto deixá-lo furioso. Alex não parecia muito preocupado. ‘Subo numa árvore’, foi tudo o que disse. Então expliquei que as árvores não crescem muito naquela parte do estado, que um urso podia derrubar um abeto fino e pequeno num segundo. Mas ele não recuava um milímetro. Tinha resposta para tudo que joguei em cima dele”.

Gallien ofereceu-se para levá-lo até Anchorage, comprar-lhe um equipamento decente e depois trazê-lo de volta até onde quisesse.

“Não, mas de qualquer forma, obrigado”, respondeu Alex. “Eu me viro com o que tenho.”

Gallien perguntou se ele tinha licença de caça.

“Claro que não”, desdenhou Alex. “O jeito como eu me alimento não é da conta do governo. Fodam-se as regras estúpidas deles.”

Quando Gallien perguntou se seus pais ou algum amigo sabiam o que pretendia fazer — se havia alguém que acionaria o alarme se ele encontrasse problemas e se atrasasse —, Alex respondeu tranquilamente que não, que ninguém sabia de seus planos, que na verdade não falava com sua família havia quase dois anos. “Tenho certeza absoluta de que não vou encontrar nada que não possa enfrentar sozinho”, assegurou a Gallien.

“Simplesmente não tinha como convencer o cara a desistir”, lembra Gallien. “Ele estava decidido. Muito entusiasmado mesmo. A palavra que vem à mente é *excitado*. Mal podia esperar para entrar no mato e começar.”

A três horas de distância de Fairbanks, Gallien saiu da rodovia e entrou com seu surrado 4 por 4 numa estrada secundária coberta de neve. Nos primeiros quilômetros, a Stampede Trail estava bem nivelada e passava por cabanas espalhadas por bosques de abetos e choupos. Depois dos últimos chalés de madeira, no entanto, a estrada deteriorava-se rapidamente. Descaracterizada e cheia de amieiros, transformava-se numa trilha grosseira, sem manutenção.

No verão, ela seria ruim, mas passável; agora, estava tomada por meio

metro de neve mole de primavera. A quinze quilômetros da rodovia, percebendo que ficaria preso se fosse adiante, Gallien parou seu veículo no topo de uma colina baixa. Os cumes gelados da cadeia de montanhas mais alta da América do Norte brilhavam no horizonte sudoeste.

Alex insistiu em dar a Gallien seu relógio, seu pente e o que disse ser todo o seu dinheiro: 85 centavos em moedas. “Não quero seu dinheiro e já tenho relógio”, protestou Gallien.

“Se você não ficar com ele, vou jogá-lo fora”, replicou alegremente o rapaz. “Não quero saber que horas são. Não quero saber que dia é nem onde estou. Nada disso importa.”

Antes que Alex descresse da picape, Gallien pegou atrás do banco um velho par de botas de borracha e persuadiu o rapaz a levá-las. “Eram grandes demais para ele”, relembra Gallien. “Mas eu disse: use dois pares de meias e seus pés vão ficar meio quentes e secos.”

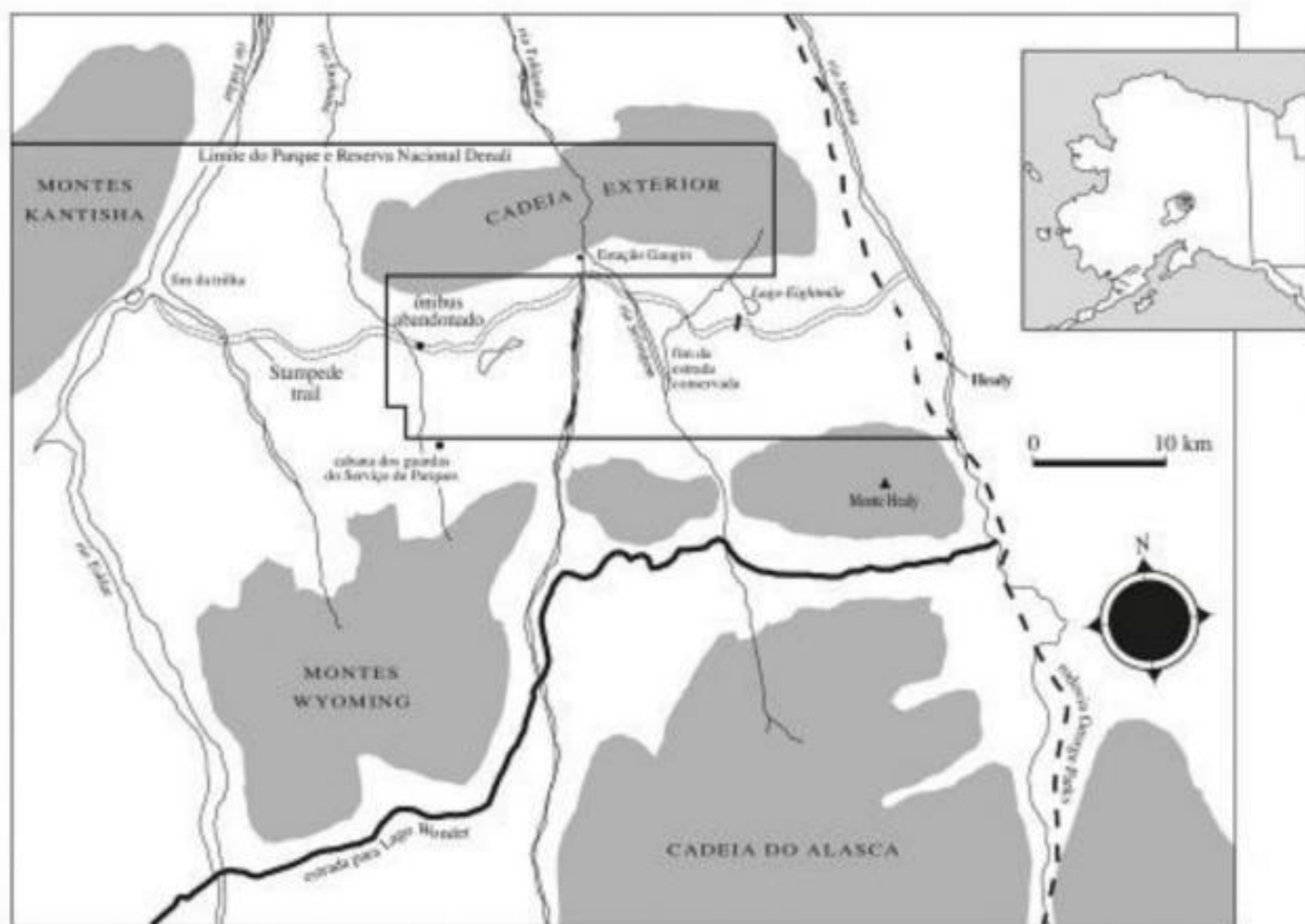
“Quanto lhe devo?”

“Não se preocupe com isso”, respondeu Gallien. Deu então ao rapaz um pedaço de papel com seu telefone, que Alex enfiou cuidadosamente em sua carteira de náilon.

“Se você sair dessa vivo, me telefone e eu direi como me devolver as botas.”

A esposa de Gallien dera-lhe dois sanduíches de queijo e atum e um saco de *corn chips* para o almoço; ele convenceu o jovem caroneiro a aceitar também a comida. Alex tirou uma câmera da mochila e pediu que Gallien tirasse uma fotografia dele com seu rifle no começo da trilha. Depois, com um amplo sorriso, desapareceu pelo caminho coberto de neve. A data era 28 de abril de 1992.

Gallien manobrou a picape, retornou à rodovia Parks e continuou na direção de Anchorage. Poucos quilômetros adiante, chegou à pequena comunidade de Healy, onde a Força Pública do Alasca mantém um posto. Gallien pensou por um momento em parar e contar às autoridades sobre Alex, mas mudou de ideia. “Imaginei que ele estaria bem”, explica. “Pensei que provavelmente ficaria com fome muito cedo e voltaria para a estrada. É o que qualquer pessoa normal faria.”



STAMPEDE TRAIL

*Jack London é rei
Alexander Supertramp
Maio de 1992*

*GRAFITE ENTALHADO NUM PEDAÇO DE MADEIRA ENCONTRADO
NO LOCAL DA MORTE DE CHRIS MCCANDLESS*

A floresta escura de abetos erguia-se carrancuda de ambos os lados do rio congelado. As árvores tinham sido despidas de sua cobertura branca de gelo por um vento recente e pareciam inclinar-se umas para as outras, negras e agourentas, na luz evanescente. Um vasto silêncio reinava sobre a terra. A própria terra era uma desolação, sem vida, sem movimento, tão solitária e fria que seu espírito não era nem mesmo o da tristeza. Havia um laivo de riso nela, mas de um riso mais terrível que qualquer tristeza — um riso que era tão sombrio quanto o sorriso da Esfinge, um riso tão frio quanto o gelo e compartilhando a severidade da infalibilidade. Era a imperiosa e incomunicável sabedoria da eternidade rindo da futilidade da vida e do esforço de viver. Era a Natureza, a selvagem, a de coração gélido, a Natureza das Terras do Norte.

JACK LONDON
CANINOS BRANCOS

Na margem norte da cadeia do Alasca, logo antes que as escarpas volumosas do McKinley e seus satélites se rendam à baixa planície de Kantishna, uma série de elevações menores, conhecidas como cadeia Exterior, espalha-se pelo terreno plano como um cobertor amarfanhado numa cama desarrumada. Entre as cristas pétreas das duas escarpaduras mais externas da cadeia Exterior corre uma depressão no sentido leste—oeste, com cerca de oito quilômetros de largura, alcatifada por um amálgama pantanoso de musgos e juncos, moitas de amieiros e veios de

*image
not
available*

McCandless, uma câmera com cinco rolos de filme batidos, o bilhete de SOS e um diário — escrito sobre as duas últimas páginas de um guia de campo de plantas comestíveis — que registrava as semanas finais do rapaz em 113 notas concisas e enigmáticas.

O corpo foi levado para Anchorage, onde se realizou uma autópsia no Laboratório Científico de Detecção de Crimes. Os restos estavam tão decompostos que era impossível determinar exatamente a data da morte, mas o legista não encontrou sinais de grandes ferimentos internos nem ossos quebrados. Não restava praticamente nada de gordura subcutânea no cadáver e os músculos tinham definhado bastante nos dias ou semanas anteriores à morte. No momento da autópsia, os restos de McCandless pesavam trinta quilos e quatrocentos gramas. A inanição foi aventada como a causa mais provável da morte.

A assinatura de McCandless estava no final do bilhete de SOS, e entre as fotos reveladas havia muitos autorretratos. Mas como não havia nenhum documento de identidade, as autoridades não sabiam quem era ele, de onde vinha, nem por que estava ali.

*image
not
available*

era uma província estagnada, um lago de restos e detritos à margem da corrente principal, e isso lhe caía muito bem. Naquele outono, ele criou um laço duradouro com a cidade e com Wayne Westerberg.

Westerberg tem trinta e poucos anos e foi trazido para Cartago por seus pais adotivos quando era pequeno. Verdadeiro renascentista das planícies, ele é fazendeiro, soldador, comerciante, maquinista, mecânico de primeira, especulador de commodities, piloto de avião com brevê, programador de computador, reparador eletrônico, técnico de videogames. Mas, pouco antes de conhecer McCandless, um de seus talentos o deixara às voltas com a lei.

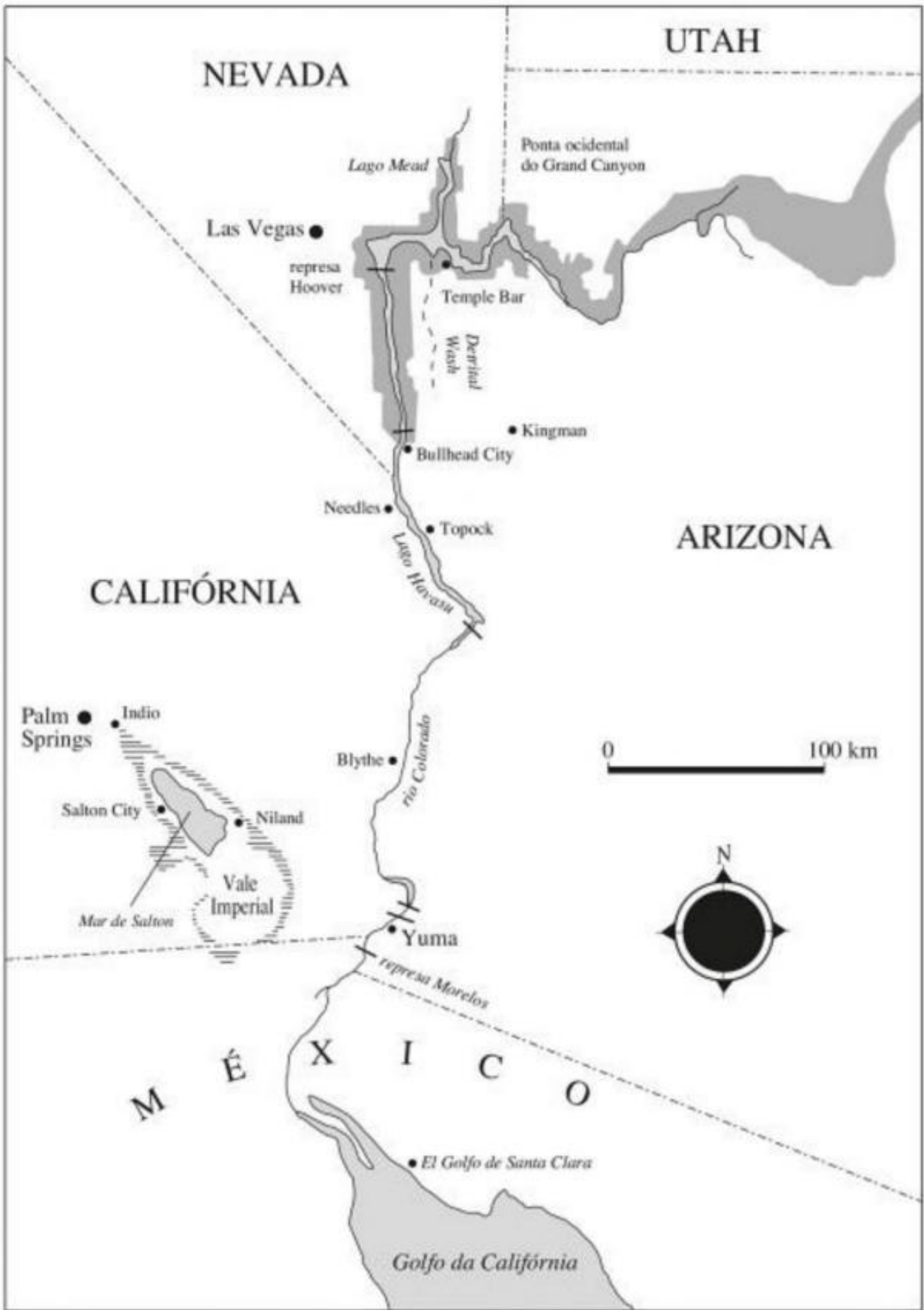
Ele entrara num esquema de construir e vender “caixas-pretas” que captam clandestinamente transmissões de televisão via satélite, permitindo que as pessoas assistam à programação da tevê a cabo sem pagar. O FBI soube disso, armou uma cilada e prendeu Westerberg. Arrepentido, ele admitiu a culpa por um único delito e a 10 de outubro de 1990, cerca de duas semanas depois que McCandless chegara a Cartago, começou a cumprir uma sentença de quatro meses em Sioux Falls. Com Westerberg na prisão, não havia trabalho no elevador de cereais para McCandless; em 23 de outubro, mais cedo do que poderia ter acontecido em circunstâncias diferentes, o garoto deixou a cidade e retomou sua vida nômade.

A ligação dele com Cartago, no entanto, continuou forte. Antes de partir, deu a Westerberg uma estimada edição de 1942 de *Guerra e paz*, de Tolstoi. Na página de rosto, escreveu: “Transferido para Wayne Westerberg por Alexander. Outubro, 1990. Escute Pierre”. (Referência ao protagonista e alter ego de Tolstoi, Pierre Bezuhov — altruísta, inquiridor, filho ilegítimo.) E McCandless ficou em contato com Westerberg enquanto perambulava pelo Oeste, telefonando ou escrevendo para Cartago a cada um ou dois meses. Fez toda a sua correspondência ser enviada para o endereço de Westerberg e disse a quase todo mundo que encontrou depois que era de Dakota do Sul.

Na verdade, McCandless crescera no confortável ambiente de alta classe média de Annandale, Virgínia. Walt, seu pai, é um eminente engenheiro aeroespacial que criara sistemas avançados de radar para o vaivém espacial e outros projetos de ponta enquanto trabalhou na Nasa e na Hughes Aircraft nos anos 60 e 70. Em 1978, Walt abriu a User Systems Incorporated, uma pequena firma de consultoria que se tornou próspera. Sua sócia na iniciativa foi a mãe de Chris, Billie. Havia oito filhos na extensa família: uma irmã mais moça, Carine, de quem Chris era extremamente próximo, e seis meios-irmãos e irmãs do primeiro casamento de Walt.

Em maio de 1990, Chris graduou-se na Universidade Emory, em Atlanta, onde fora colunista e editor do jornal estudantil *The Emory Wheel* e

*image
not
available*



As respostas honestas a essas questões não seriam provavelmente bem recebidas pelos guardas. McCandless poderia esforçar-se para explicar que respondia a estatutos de uma ordem superior — que, como adepto moderno de Henry David Thoreau, tinha por evangelho o ensaio “A desobediência civil” e considerava, portanto, sua responsabilidade moral zombar das leis do Estado. Era improvável, no entanto, que agentes do governo federal compartilhassem seus pontos de vista. Haveria pilhas de papéis para negociar e multas a pagar. Seus pais seriam certamente contatados. Mas havia uma maneira de evitar esse agravo: ele poderia simplesmente abandonar o Datsun e retomar sua odisseia a pé. Foi o que decidiu fazer.

Ademais, em vez de sentir-se perturbado pelos acontecimentos, McCandless ficou animado: viu na enxurrada uma oportunidade de abandonar bagagem desnecessária. Escondeu o carro do melhor modo que pôde, sob uma tamarga marrom, arrancou suas placas da Virgínia e escondeu-as. Enterrou seu rifle Winchester de caçar cervos e algumas outras coisas que poderia um dia querer recuperar. Depois, num gesto que deixaria Thoreau e Tolstoi orgulhosos, empilhou todas as suas cédulas de dinheiro na areia — um pequenino monte patético de notas de um, cinco e vinte — e tocou fogo. Cento e vinte e três dólares em dinheiro legal foram prontamente reduzidos a cinza e fumaça.

Sabemos de tudo isso porque McCandless documentou a queima do dinheiro e a maioria dos eventos que se seguiram num diário-álbum de fotografias que deixaria mais tarde com Wayne Westerberg, antes de partir para o Alasca. Embora o tom do diário — escrito na terceira pessoa, em estilo pomposo e afetado — descambe com frequência para o melodrama, os indícios disponíveis indicam que McCandless não deturpou os fatos: dizer a verdade era uma crença que levava a sério.

Depois de enfiar as poucas coisas que restaram em sua mochila, McCandless partiu a 10 de julho para uma caminhada em torno do lago Mead. Isso, reconhece seu diário, revelou-se um “tremendo erro [...] No meio de julho, a temperatura fica delirante”. Sofrendo de insolação, conseguiu fazer parar um barco que lhe deu uma carona até Callville Bay, uma marina perto da ponta oeste do lago, onde levantou o polegar e pegou a estrada.

McCandless vagou pelo oeste nos dois meses seguintes, encantado com a escala e o poder da paisagem, excitado com pequenas escaramuças com a lei, saboreando a companhia intermitente de outros vagabundos que encontrou no caminho. Deixando-se levar pelas circunstâncias, foi de carona ao lago Tahoe, subiu a sierra Nevada e passou uma semana caminhando para o norte na trilha do Espinhaço do Pacífico, depois deixou as montanhas e voltou ao asfalto.

aqui nesta época do ano.

Por favor, agradeça de novo a Kevin por todas as roupas que me deu, eu teria morrido congelado sem elas. Espero que ele tenha dado aquele livro para você. Wayne, você deveria realmente ler *Guerra e paz*. Eu estava falando sério quando disse que você tinha um dos melhores caracteres de todos os homens que conheci. É um livro muito forte e altamente simbólico. Tem coisas nele que acho que você vai entender. Coisas que escapam à maioria das pessoas. Quanto a mim, decidi que vou levar esta vida durante algum tempo ainda. A liberdade e a beleza simples dela são boas demais para deixar passar. Um dia voltarei e reembolsarei um pouco da sua generosidade. Uma caixa de Jack Daniel's, quem sabe? Até lá, sempre pensarei em você como um amigo. DEUS TE ABENÇOE.
ALEXANDER.

A 2 de dezembro, chegou à represa de Morelos e à fronteira mexicana. Preocupado com a possibilidade de lhe negarem entrada porque não levava documentos, remou sorrateiramente para o México pelas comportas abertas e atravessando rapidamente o vertedouro. “Alex olha rapidamente em volta em busca de sinais de confusão”, registra seu diário. “Mas sua entrada no México é despercebida ou ignorada. Alexander está exultante!”

Seu júbilo, no entanto, durou pouco. Adiante da represa de Morelos, o rio transforma-se num labirinto de canais de irrigação, pântanos e vias sem saída, nos quais McCandless se perdeu repetidamente:

Os canais dividem-se numa multidão de direções. Alex está tonto. Encontra alguns funcionários do canal que falam um pouco de inglês. Eles dizem que ele não está indo para o sul, mas para oeste, na direção do centro da península da Baja. Alex fica arrasado. Implora e insiste, pois deve haver alguma saída para o golfo da Califórnia. Eles olham fixo para Alex e acham que ele é louco. Mas então irrompe uma conversa animada entre eles, acompanhada de mapas e muitos lápis. Depois de dez minutos, apresentam a Alex uma rota que certamente o levará ao oceano. Ele se enche de alegria e a esperança explode de novo em seu coração. Seguindo o mapa, ele volta pelo canal até chegar ao canal da Independência, que segue para leste. De acordo com o mapa, esse canal deve encontrar-se com o canal Wellteco, que virará para o sul e correrá até o oceano. Mas suas esperanças são rapidamente derrubadas quando o canal chega a um ponto sem saída, no meio do deserto. Porém, uma missão de reconhecimento revela que Alex simplesmente voltou para o leito agora morto e seco do rio Colorado. Ele descobre outro canal, a cerca de um quilômetro do outro lado do leito do rio. Decide transportar a canoa por terra até esse canal.

McCandless gastou mais de três dias para levar a canoa e suas coisas para o novo canal. No dia 5 de dezembro, anotou em seu diário:

Finalmente! Alex encontra o que acredita ser o canal Wellteco e segue para o sul. Preocupações e temores voltam à medida que o canal vai ficando cada vez mais estreito. [...] Os habitantes locais ajudam-no a carregar o barco para

BULLHEAD CITY

A besta primordial dominante era forte em Buck e, sob as violentas condições da vida na trilha, ele cresceu e cresceu. Contudo, era um crescimento secreto. Sua nova sagacidade deu-lhe aprumo e controle.

JACK LONDON

O CHAMADO DA FLORESTA

Salve a Besta Primordial Dominante!

E o Capitão Ahab Também!

Alexander Supertramp

Maio de 1992

GRAFITE ENCONTRADO DENTRO DO ÔNIBUS
ABANDONADO NA STAMPEDE TRAIL

Quando sua câmera estragou e parou de tirar fotos, McCandless parou também de escrever um diário, prática que só retomaria ao ir para o Alasca, no ano seguinte. Portanto, não se sabe muito sobre onde andou depois de sair de Las Vegas, em maio de 1991.

Com base em uma carta que mandou para Jan Burres, sabemos que passou julho e agosto na costa do Oregon, provavelmente nas imediações de Astoria, onde se queixou de que “o fog e a chuva eram frequentemente intoleráveis”. Em setembro, desceu de carona pela rodovia 101 até a Califórnia, depois foi para leste e entrou no deserto de novo. E no início de outubro, baixou em Bullhead City [Cabeça de Touro], Arizona.

Bullhead City é uma comunidade, no sentido contraditório do final do século XX. Sem um centro discernível, a cidade não passa de um esparramo fortuito de subdivisões e centros comerciais de beira de estrada que se estendem por treze ou catorze quilômetros ao longo das margens do rio Colorado, exatamente do lado oposto ao dos cassinos e grandes hotéis de Laughlin, Nevada. O traço cívico que distingue Bullhead é a rodovia Mohave Valley, quatro pistas de asfalto ladeadas de postos de gasolina e

vindos sempre. É realmente ótimo pensar que, depois de quase um ano e meio, vamos nos encontrar de novo.

Ele encerrou a carta desenhando um mapa e dando instruções detalhadas para encontrar o trailer na Baseline Road, em Bullhead City.

Porém, quatro dias depois de receber essa carta, quando Jan e seu namorado Bob estavam se preparando para viajar, Burres voltou uma noite a seu acampamento e encontrou “uma grande mochila encostada na nossa van. Reconheci que era a de Alex. Nossa cadelinha Sunni farejou-o antes de mim. Ela gostava de Alex, mas me surpreendi que ainda se lembrasse dele. Quando o encontrou, ficou maluca”. McCandless explicou a Burres que cansara de Bullhead, de bater o ponto, da “gente de plástico” com quem trabalhava e decidira cair fora da cidade.

Jan e Bob estavam a cinco quilômetros de Niland, num lugar que o pessoal dali chama de As Lajes, uma antiga base aérea da marinha que foi abandonada e demolida, deixando uma malha vazia de alicerces de concreto espalhados pelo deserto. Quando chega novembro, com o tempo ficando frio no resto do país, cerca de 5 mil migrantes de inverno, sem-destinos e vagabundos variados, congregam-se naquele cenário fantasmagórico em busca de sol e vida barata. As Lajes funcionam como capital sazonal de uma numerosa sociedade errante — uma cultura sobre pneus tolerante, que congrega aposentados, exilados, destituídos, eternos desempregados. Seus membros são homens, mulheres e crianças de todas as idades, gente esquivando-se de órgãos arrecadadores, das relações azedas com a lei ou o imposto de renda, dos invernos de Ohio, da rotina da classe média.

Quando McCandless chegou às Lajes, uma enorme feira livre e mercado de trocas estava funcionando a todo o vapor no deserto. Burres tinha montado umas bancas dobráveis com artigos baratos, a maioria de segunda mão, e McCandless ofereceu-se para cuidar de sua grande quantidade de livros usados.

“Ele me ajudou bastante”, reconhece Burres. “Cuidava da banca quando eu precisava sair, classificou todos os livros, fez muitas vendas. Parecia se divertir realmente com aquilo. Alex era bom nos clássicos: Dickens, H. G. Wells, Mark Twain, Jack London. London era o seu predileto. Tentava convencer todo mundo a ler *O chamado da floresta*.”

McCandless era apaixonado por London desde criança. Sua condenação veemente da sociedade capitalista, sua glorificação do mundo primordial, sua defesa da plebe, tudo isso refletia as paixões de McCandless. Hipnotizado pelo retrato grandiloquente que London fazia da vida no Alasca e no Yukon, McCandless lia e relia *O chamado da floresta*, *Caninos brancos*, “Acender o fogo”, “Uma odisséia do Norte”, “A

ANZA-BORREGO

Nenhum homem jamais seguiu sua índole a ponto de esta extraviá-lo. Embora o resultado fosse fraqueza física, ainda assim talvez ninguém pudesse dizer que as consequências eram lamentáveis, já que representariam a vida em conformidade com princípios mais elevados. Se o dia e a noite são de tal forma que vós os saudais com alegria, se a vida emite uma fragrância de flores e ervas aromáticas e se torna mais elástica, mais cintilante e mais imortal — eis aí o vosso êxito. A natureza inteira é vossa congratulação e tendes motivos terrenos para bendizer-vos. Os maiores lucros e valores estão ainda mais longe de ser apreciados. Chegamos facilmente a duvidar de que existam. Logo os esquecemos. Constituem, entretanto, a realidade mais elevada. [...] A verdadeira colheita de meu dia a dia é algo de tão intangível e indescritível quanto os matizes da aurora e do crepúsculo. O que tenho na mão é um pouco da poeira das estrelas e um fragmento do arco-íris.

HENRY DAVID THOREAU

*WALDEN, OU A VIDA NOS BOSQUES**

TRECHO SUBLINHADO EM UM DOS LIVROS ENCONTRADOS COM
OS RESTOS MORTAIS DE CHRIS McCANDLESS

No dia 4 de janeiro de 1993, o autor recebeu uma carta incomum, numa escrita trêmula e anacrônica que indicava um remetente idoso. “A quem interessar possa”, começava a carta,

Gostaria de obter um exemplar da revista que publicou a história do rapaz (Alex McCandless) que morreu no Alasca. Gostaria de escrever para quem investigou o incidente. Eu o levei de Salton City Calif.... em março de 1992... a Grand Junction Co.... Deixei Alex lá para pegar carona para D. S. Ele disse que ficaria em contato. A última vez que tive notícias dele foi uma carta na primeira semana de abril de 1992. Em nossa viagem, tiramos retratos, eu com a câmera de vídeo + Alex com sua câmera.

Se vocês tiverem um exemplar daquela edição, por favor me mandem ao

arte. Para seu primeiro projeto, McCandless produziu um cinto de couro gravado a ferro quente com imagens que registravam com engenhosidade suas andanças. Na ponta do cinto está inscrito *ALEX*; depois, as iniciais *C. J. M.* (de Christopher Johnson McCandless) enquadram uma caveira com ossos cruzados. Ao longo da tira de couro de vaca, vê-se a representação de uma estrada de pista dupla, um sinal de retorno proibido, uma tempestade que produz uma enchente que engolfa um carro, o polegar de um caroneiro, uma águia, a sierra Nevada, um salmão saltando no Pacífico, a rodovia da costa do Pacífico de Oregon a Washington, as montanhas Rochosas, campos de trigo de Montana, uma cascavel de Dakota do Sul, a casa de Westerberg em Cartago, o rio Colorado, um vendaval no golfo da Califórnia, uma canoa abicada ao lado de uma barraca, Las Vegas, as iniciais *T. C. D.*, morro Bay, Astoria, e na ponta da fivela, finalmente, a letra *N* (representando supostamente o norte). Feito com habilidade e criatividade notáveis, esse cinto é tão espantoso quanto qualquer artefato que Chris McCandless deixou para trás.

Franz gostava cada vez mais de McCandless. “Meu Deus, como ele era inteligente”, o velhote grasna com voz quase inaudível. Enquanto diz isso, dirige o olhar para a areia no chão, entre seus pés; então para de falar. Inclina-se com dificuldade e sacode uma poeira imaginária da perna das calças. Suas juntas de ancião estalam alto no silêncio constrangedor.

Mais de um minuto se passa até que Franz fale de novo. Olhando com olhos semicerrados o céu, começa a lembrar mais sobre o tempo que passou na companhia do rapaz. Não era raro em suas visitas que a face de McCandless ficasse rubra de raiva enquanto vituperava contra seus pais, os políticos ou a idiotia endêmica do modo de vida dominante americano. Preocupado em não afastar o menino, Franz pouco falava nesses rompantes e deixava-o despejar a arenga.

Certo dia, no início de fevereiro, McCandless anunciou que ia embora para San Diego, a fim de ganhar mais dinheiro para sua viagem ao Alasca.

“Você não precisa ir a San Diego”, protestou Franz. “Eu lhe darei dinheiro se precisar de algum.”

“Não. Você não entendeu. Eu *vou* para San Diego. Estou partindo segunda-feira.”

“O.k. Eu levo você.”

“Não seja ridículo”, McCandless zombou.

“De qualquer modo, preciso ir para pegar um suprimento de couro”, mentiu Franz.

McCandless cedeu. Desmontou o acampamento, guardou a maior parte de suas coisas no apartamento de Franz — não queria andar carregando o saco de dormir ou a mochila pela cidade — e depois foi com o velho para a costa. Estava chovendo quando Franz deixou McCandless no cais de San

contudo, não toma a iniciativa de mudar sua situação porque está condicionada a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, tudo isso que parece dar paz de espírito, mas na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem que um futuro seguro. A coisa mais essencial do espírito vivo de um homem é sua paixão pela aventura. A alegria da vida vem de nossos encontros com novas experiências e, portanto, não há alegria maior que ter um horizonte sempre cambiante, cada dia com um novo e diferente Sol. Se você quer mais de sua vida, Ron, deve abandonar sua tendência à segurança monótona e adotar um estilo de vida confuso que, de início, vai parecer maluco para você. Mas depois que se acostumar a tal vida verá seu sentido pleno e sua beleza incrível. Em resumo, Ron, saia de Salton City e caia na estrada. Garanto que ficará muito contente em fazer isso. Mas temo que você ignore meu conselho. Você acha que eu sou teimoso, mas você é ainda mais teimoso do que eu. Você tinha uma chance maravilhosa quando voltou da visita a uma das maiores vistas da terra, o Grand Canyon, algo que todo americano deveria apreciar pelo menos uma vez na vida. Mas, por alguma razão incompreensível para mim, você só queria voltar correndo para casa, direto para a mesma situação que vê dia após dia após dia. Temo que você seguirá essa mesma tendência no futuro e assim deixará de descobrir todas as coisas maravilhosas que Deus colocou em torno de nós para descobrir. Não se acomode nem fique sentado em um único lugar. Mova-se, seja nômade, faça de cada dia um novo horizonte. Você ainda vai viver muito tempo, Ron, e será uma vergonha se não aproveitar a oportunidade para revolucionar sua vida e entrar num reino inteiramente novo de experiências.

Você está errado se acha que a alegria emana somente ou principalmente das relações humanas. Deus a distribuiu em toda a nossa volta. Está em tudo e em qualquer coisa que possamos experimentar. Só temos de ter a coragem de dar as costas para nosso estilo de vida habitual e nos comprometer com um modo de viver não convencional.

O que quero dizer é que você não precisa de mim ou de qualquer outra pessoa em volta para pôr esse novo tipo de luz em sua vida. Ele está simplesmente esperando que você o pegue e tudo que tem a fazer é estender os braços. A única pessoa com quem você está lutando é você mesmo e sua teimosia em não entrar em novas situações.

Ron, eu espero realmente que, assim que puder, você saia de Salton City, ponha um pequeno trailer na traseira de sua picape e comece a ver algumas das grandes obras que Deus fez aqui no Oeste americano. Você verá coisas e conhecerá pessoas e há muito a aprender com elas. Deve fazer isso no estilo econômico, sem motéis, cozinhando sua comida como regra geral, gastando o menos que puder e vai gostar imensamente disso. Espero que na próxima vez que o encontrar você seja um homem novo, com uma grande quantidade de novas aventuras e experiências na bagagem. Não hesite nem se permita dar desculpas. Simplesmente saia e faça isso. Simplesmente saia e faça isso. Você ficará muito, muito contente por ter feito.